

RACISMO E VIOLÊNCIA CONTRA QUILOMBOS NO BRASIL

2018 – 2022



A pesquisa **Racismo e violência contra Quilombos no Brasil** é uma iniciativa da Coordenação Nacional de Articulação das Comunidades Negras Rurais Quilombolas (Conaq) e da Terra de Direitos para identificar e analisar as violências que acometem quilombolas em todo o país.

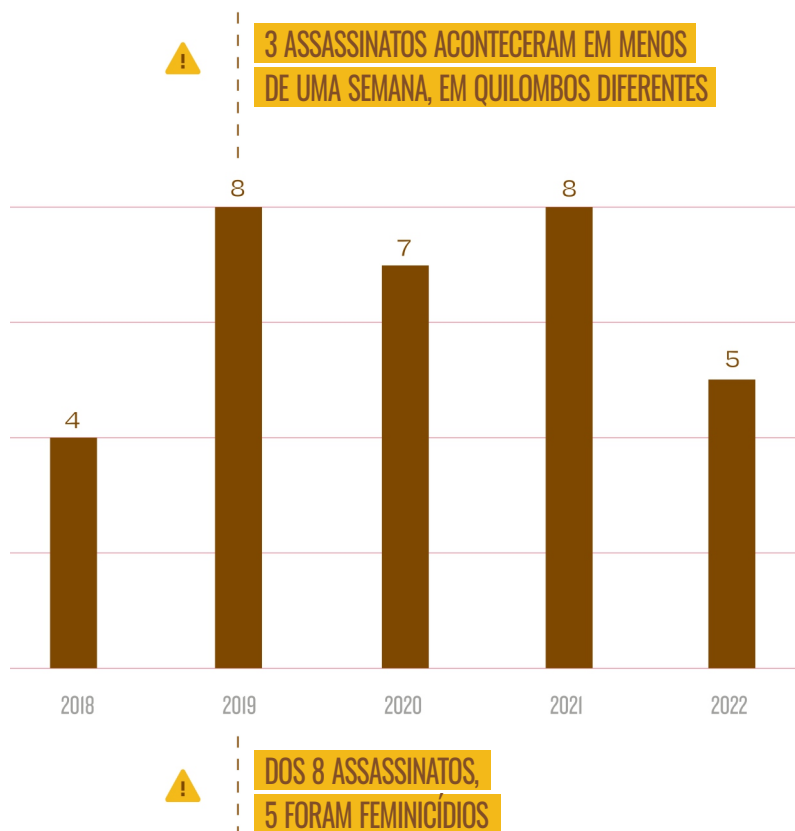
A segunda edição identifica assassinatos registrados nos quilombos entre 2018 e 2022 e evidencia o agravamento das desigualdades e violências historicamente praticadas contra as comunidades quilombolas.

32 QUILOMBOLAS FORAM ASSASSINADOS ENTRE 2018 E 2022

Quando comparado à 1ª edição, referente aos anos de 2008 a 2017, a média anual de assassinatos que era de 3,8 passou a ser de 6,4 assassinatos ao ano. O número representa quase o dobro da média anual de assassinatos do levantamento anterior. Nos 10 anos analisados na 1ª edição, o registro de mais de quatro assassinatos de quilombolas ano foi uma exceção - apenas dois anos ultrapassaram esse número. Nesta segunda edição, no entanto, 4 assassinatos de quilombolas foram registrados nos anos com menor número de violência no período analisado.

Os anos de 2019 a 2021 registraram picos de 8 assassinatos.

Número de quilombolas assassinados
por ano, de 2018 a 2022



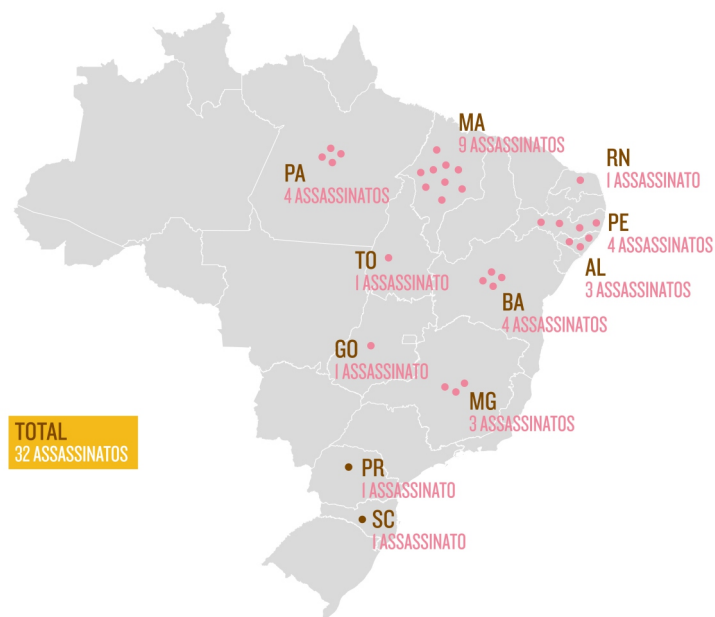
EM 15 ANOS, 70 QUILOMBOLAS
FORAM ASSASSINADAS

ESTADOS COM REGISTRO DE ASSASSINATOS ENTRE 2018 E 2022

A maior parte dos assassinatos de quilombolas foi registrada na reunião Nordeste (65,6%), seguidos da região Norte (12,5%) e Sudeste (9,4%). As regiões Sul e Centro-Oeste registraram 6,25% dos casos de assassinatos.

Maranhão é o estado com o maior número de assassinatos (9), seguido da Bahia, Pará e Pernambuco, com quatro casos cada. Maranhão, Bahia e Pará também figuraram entre os com maior número de assassinatos registrados na primeira edição da pesquisa, ocasião em que a Bahia teve o maior número de registros.

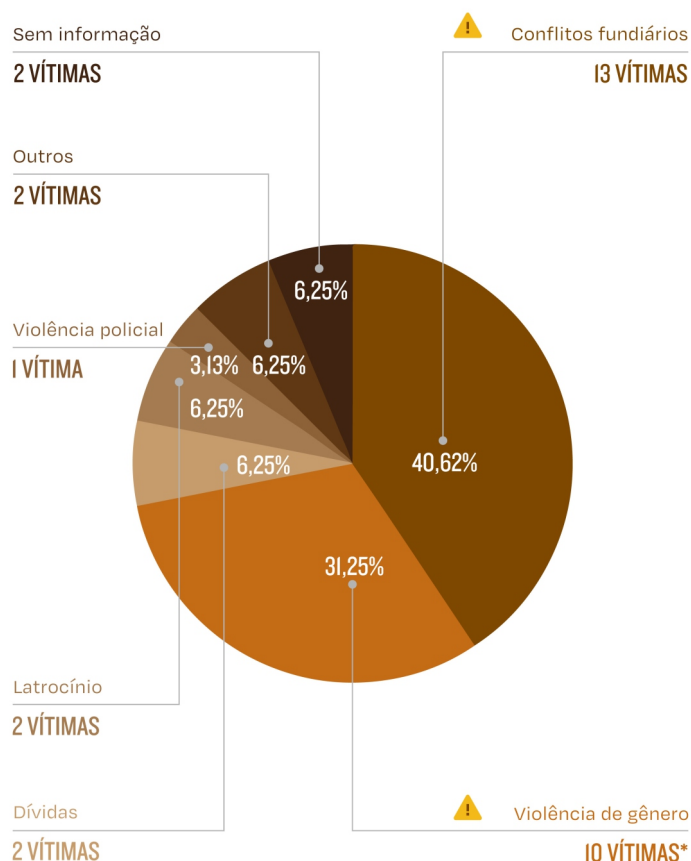
Estados com registro de assassinatos entre 2018 e 2022



CONTEXTO DOS ASSASSINATOS

Um olhar sobre a motivação desses casos mostra que, ainda que sejam vítimas de diferentes tipos de violência – que são também resultado de processos de negação de outros direitos – quilombolas têm morrido mais por conta dos conflitos por terra ou em razão de feminicídios.

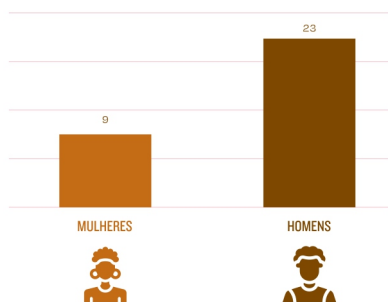
Contexto dos assassinatos registrados entre 2018 e 2022



ASSASSINATOS POR GÊNERO

Apesar dos homens serem as principais vítimas, percebe-se que as mulheres quilombolas têm sido mortas pelo fato de serem mulheres.

Assassinatos de quilombolas por gênero entre 2018 e 2022



Todas as mulheres quilombolas assassinadas no período foram vítimas de feminicídio!

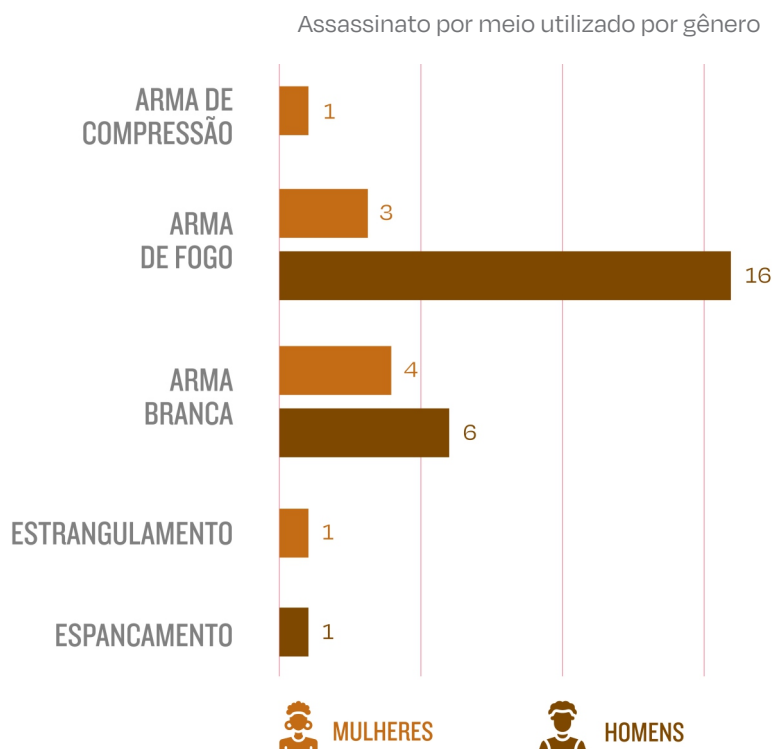
*Aqui está contabilizada a morte do jovem Humberto Erick da Silva, de 18 anos, assassinado pelo padrasto ao defender a mãe Maria Aparecida da Silva, vítima de feminicídio no mesmo episódio.

A proporcionalidade de mulheres quilombolas assassinadas mais do que dobrou em relação à pesquisa anterior. A primeira edição identificou 8 lideranças femininas assassinadas em dez anos, enquanto o segundo volume registrou o assassinato de 9 mulheres em cinco anos.

MEIO UTILIZADO PARA OS ASSASSINATOS

As armas de fogo estão presentes em 59% dos casos totais, e atingiram principalmente os homens: eles foram assassinados por esse tipo de arma em 69,5% dos casos.

Identificou-se haver um componente de crueldade nos assassinatos das mulheres. Em sua maioria as mortes ocorreram com armas brancas (faca, foice, machado ou chave de fenda) ou com métodos de tortura.

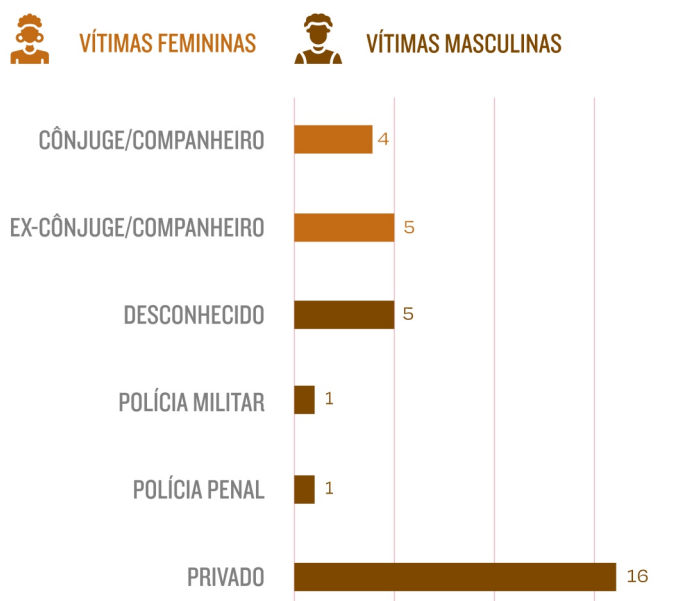


AGENTES VIOLADORES

No caso das mulheres assassinadas a pesquisa identificou que cônjuges, companheiros, ex-cônjuges e ex-companheiros são os autores em 100% dos casos de feminicídio.

Já os homens foram majoritariamente mortos por outros agentes privados, ou seja, sujeitos que não estão ligados ao Estado.

Agentes violadores nos assassinatos de quilombolas registrados entre 2018 e 2022



SITUAÇÃO FUNDIÁRIA

69% dos assassinatos foram registrados em quilombos que não foram titulados

Fase do processo	Número de assassinatos
Sem processo de titulação	10
Processo em fase inicial	7
Processo em andamento	4
Totalmente ou parcialmente titulado	11

Um olhar sobre a violência registrada nos quilombos a partir do estágio do processo de titulação revela que a garantia do território é essencial para a amenização da violência resultante de conflitos fundiários, mas que é preciso avançar na efetivação de outras políticas públicas para proteção das famílias. Os casos de feminicídio, por exemplo, foram registrados em quilombos que estavam em diferentes fases do processo de titulação, inclusive em quilombos titulados. A titulação é um primeiro passo no combate às violências, mas é preciso ir além.

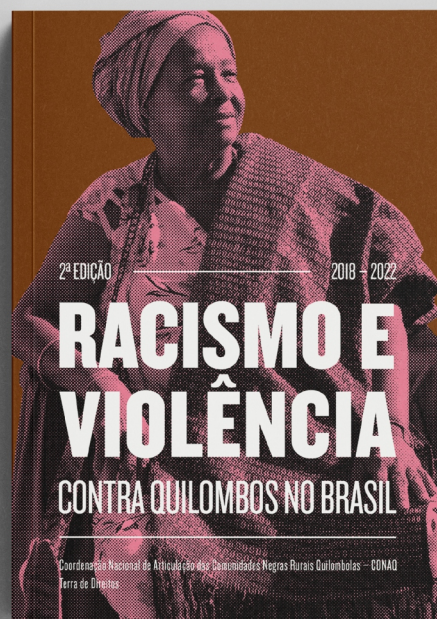
Algumas medidas que precisam ter tomadas para combater o racismo e a violência contra quilombos no Brasil:

- Titulação dos territórios quilombolas do país
- Acesso a políticas públicas de saúde, educação, cultura e geração de renda
- Efetivação de políticas públicas de enfrentamento à violência contra mulheres, considerando as especificidades quilombolas
- Respeito ao Direito de Consulta Prévia, Livre e Informada
- Proteção integral e interinstitucional de quilombolas ameaçados
- Investigação e responsabilização dos envolvidos nas ameaças e assassinatos de quilombolas
- Estabelecimento de ações antirracistas pelo poder público, com a criação de cotas para quilombolas e formações para funcionários dos órgãos de governo e do Sistema de Justiça
- Criação de uma Política Nacional de Combate ao Racismo Institucional no Inkra

ACESSE A PESQUISA COMPLETA EM:



conaq.com.br
terradedireitos.org.br/racismoeviolencia



Realização:



Apoio:



Gráficos: André Victor

Foto: Walisson Braga